


## TRADUÇÃO, PROCESSO EDITORIAL E CRIAÇÃO DE VALOR

Translation, editorial process and the creation of value

Renata Beatriz Freitas Estanislau<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-5090-599X> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Belo Horizonte, MG, Brasil, 31270-901 – [poslit@letras.ufmg.br](mailto:poslit@letras.ufmg.br)

**Resumo:** A tradução, comumente recebida como uma transposição linguística, ganha novas nuances quando considerada sob a ótica do processo editorial. Por isso, o presente artigo representa uma visão teórica de que os estudos da tradução precisam expandir sua dedicação para além da análise comparativa entre original e tradução. O objetivo é ampliar os conhecimentos da área e contribuir para o desenvolvimento de uma perspectiva que excede a transposição entre idiomas, sendo também uma etapa importante do processo editorial. Marcada por conceitos dicotômicos, a tradução ganha novas análises se considerada como um processo editorial. Considerando os escritos de Itamar Even-Zohar (2013), John B. Thompson (2013), Pascale Casanova (2002), Roger Chartier (2002, 2022), Lawrence Venuti (2021), Walter Benjamin (2002) e Johann Wolfgang von Goethe (2010), este artigo revisita a tradução a partir de uma perspectiva entrelaçada ao processo editorial, explorando a sua atuação como agente de construção e enriquecimento do valor simbólico da literatura.

**Palavras-chave:** tradução; processo editorial; sistema-literário; capital econômico; capital simbólico.

**Abstract:** Translation, commonly perceived as a linguistic transposition, gains new perspectives when considered under the lens of the editorial process. Therefore, this article presents an approach that translation studies need to expand their knowledge beyond the comparative analysis between the original and the translated version. The aim is to broaden these studies and contribute to the development of a perspective that goes further than the transposition between languages, being also an important step in the editorial process. Marked by dichotomous concepts, translation studies may develop new analyses when considered an editorial process. Based on the writings of Itamar Even-Zohar (2013), John B. Thompson (2013), Pascale Casanova (2002), Roger Chartier (2002, 2022), Lawrence Venuti (2021), Walter Benjamin (2002) and Johann Wolfgang von Goethe (2010), the article revisits translation from a perspective connected with the editorial process, exploring its role as an active participant in the developing of the symbolic value of literature.

**Keywords:** translation; editorial process; literary system; economic capital; symbolic capital.

### Introdução

O conceito de “sistema-literário” de Itamar Even-Zohar (2013) engloba um conjunto dinâmico e interligado de atividades que podemos entender como “campos” da literatura.

Muito além das atividades “isoladas”, como o processo de escrita de texto, o sistema literário configura-se como um ecossistema ou, para usar a terminologia de Even-Zohar, um polissistema, em que cada elemento contribui para a existência e evolução da literatura como um todo: escritores, revisores, revistas literárias, editoras, livros, ensaios e todas as pessoas e processos relacionados à produção escrita e material compõem esse sistema. Cada um desses elementos, por sua vez, interage e se relaciona com os demais, criando uma interdependência de criação, distribuição e apreciação da literatura. Assim,

De modo breve, o significado de “sistema literário” para a teoria dos polissistemas pode ser formulado assim: A rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas “literárias”, e conseqüentemente, essas atividades observadas através dessa rede. Ou: O conjunto de atividades – ou qualquer parte dele – para que relações sistêmicas que fundamentam a opção de considerá-las “literárias” podem ser hipotetizadas (Even-Zohar, 2013, p. 23).

A partir dessa perspectiva, entendemos o processo editorial como um desses sistemas que compõem o polissistema literário. Diante da multiplicidade de etapas e processos, talvez seja mais coerente pensar em “processos editoriais”, no uso plural do termo. Isso porque eles não se restringem aos aspectos literários, mas também se relacionam diretamente com o mercado e suas perspectivas econômicas. Dessa forma, um mesmo sistema pode dialogar com diversos outros, criando uma grande rede de conexão e influência.

### **Os sistemas literários e os campos da edição**

Para expandir o conceito de Even-Zohar, trazemos o conceito de “campos”, desenvolvido, primeiramente, nos estudos de Pierre Bourdieu e usado em um contexto editorial e de mercado por John B. Thompson. A partir de Thompson (2013), entendemos que os campos são plurais, originais – ou seja, cada um tem suas características próprias – e relacionais. Tais atributos fazem com que os campos se assemelhem aos sistemas, pois ambos são capazes de existirem em uma natureza dupla, tanto individualmente, como a partir de um contato próximo com elementos externos. É por isso que, aplicando a lógica dos campos, entendemos que o processo editorial se aproxima, simultaneamente, da literatura e do mercado. Em Thompson (2013), podemos identificar cinco categorias dentro do campo editorial, entendidas como “capital”. Esses capitais estão relacionados aos recursos que as editoras precisam harmonizar para seguirem existindo, sendo eles: econômico, humano, social, intelectual e simbólico.

O capital econômico faz referência aos recursos financeiros das editoras, estando relacionado, principalmente, à capacidade de pagamento e lucratividade das casas editoriais. Segundo Thompson (2013), esse capital inclui, além do financeiro, aspectos de estoque, instalação e reserva.

Quanto maiores forem as suas reservas de capital, maiores serão os



adiantamentos que elas poderão oferecer no jogo altamente competitivo de aquisição de conteúdo, e mais capacidade elas terão de investir em marketing e divulgação e de diluir os riscos de lançamento, investindo em um número maior de projetos, na esperança de que alguns deles deem frutos (Thompson, 2013, p.12).

No outro extremo, está o capital humano, o qual está relacionado às pessoas que fazem o trabalho de edição, como os editores, diagramadores, designers, revisores e demais profissionais da edição. Olhando especialmente para os editores, Thompson reforça o importante papel que esses profissionais exercem dentro do corpo editorial: “No campo extremamente competitivo do mercado editorial, um editor vale tanto quanto – e apenas isso – o histórico dos livros que adquiriu e lançou ao longo do tempo: esse registro é o seu currículo.” (Thompson, 2013, p. 12). Os editores são uma das principais pontes entre as editoras e o mercado, cabendo a esses profissionais a responsabilidade de escolher boas obras para serem publicadas. Reconhecemos que a noção de “boa obra” é contextual e pendular entre lucratividade e qualidade, mas não nos aprofundaremos nessa dicotomia. O que podemos afirmar, a partir de Thompson (2013), é que o capital humano é um recurso valioso, diretamente relacionado ao terceiro capital, o social. Para que a editora acumule valor monetário e intelectual, o capital social, ou seja, a rede de contato que os editores possuem com autores, agentes literários e demais profissionais da área editorial e varejista, é um elemento importante.

Essa rede de contatos nos leva ao quarto capital, o intelectual, sendo este vital para o sucesso da editora, por fazer referência à “propriedade cultural”, ou seja, o catálogo disponível. Esse capital é regulado por contratos e conecta-se ao conteúdo, por isso está relacionado ao quinto capital, o simbólico. O capital simbólico carrega o prestígio do mercado e da literatura. Uma editora que tenha bons livros editados é mais reconhecida e isso agrega valor não monetário, criando uma distinção e permitindo que a editora atue como uma “mediadora de cultura” entre seus pares.

Isso significa muito para elas [as editoras], em parte porque é importante para a sua imagem, para a maneira como elas se veem e querem ser vistas pelos outros: em sua maioria, as editoras se veem e querem ser vistas como organizações que publicam trabalhos de alta qualidade. [...]. Nenhuma grande editora iria abraçar de boa vontade a ideia de que seu único propósito de vida é publicar livros de segunda categoria (Thompson, 2013, p. 14).

É possível perceber até aqui que todos os capitais estão interligados e atuam de forma dependente. Ainda que todos ocupem uma posição importante dentro do processo editorial, voltaremos o presente debate para os fatores econômicos e simbólicos por entendermos que estes merecem maior destaque pelo nível de influência que exercem no contexto da edição.

Assim como a literatura é um polissistema, defendemos a mesma noção para a edição, ou seja, uma rede composta por diferentes sistemas que interagem interna e



externamente. Considerando os diferentes contextos de mercado, o sistema editorial precisa considerar aspectos burocráticos e econômicos, como contrato, venda, lucratividade e rotatividade. Esse é o capital econômico, e ele entende a literatura como um produto que precisa ter retorno financeiro. Já quando a edição relaciona-se à literatura, ela o faz pela sua perspectiva simbólica, ou seja, voltada para o conteúdo. Com essa abordagem, o “valor” não é monetário, mas sim cultural e de influência. Ainda assim, o sucesso do capital simbólico pode influenciar, direta ou indiretamente, o capital econômico e vice-versa. Por exemplo, obras célebres, sejam elas canônicas ou vencedoras de prêmios literários recentes, agregam valor simbólico, pois o meio reconhece o valor do conteúdo daquela publicação, mas também pode representar sucesso de vendas, reconhecimento de mercado e, por isso, lucratividade.

Contudo, ainda que apresente traços de previsibilidade, não é possível determinar regras fixas de como as editoras acumulam seus capitais: “A acumulação de capital simbólico depende de processos cuja natureza é muito diferente daqueles que levam à acumulação de capital econômico, e a posse de grande quantidade de um não implica necessariamente a posse de grande quantidade do outro.” (Thompson, 2013, p. 15). Nesse sentido, entendemos que o acúmulo de capital das editoras é um processo sujeito a diferentes influências externas e contextuais, por isso não podemos fazer afirmações generalistas sobre seus caminhos de sucesso. Desse modo, o que pode parecer excelente para um determinado grupo editorial pode não fazer sentido para outro.

Em uma perspectiva semelhante à noção de capital simbólico, Pascale Casanova (2002) apresenta o conceito de “capital literário”, abordagem que usa a partir dos estudos de Paul Valéry e Pierre Bourdieu. Para Casanova (2002), a tradução ocupa um lugar de destaque no intercâmbio entre culturas e, por isso, os textos canônicos, também tidos como “clássicos”, são um privilégio das nações mais antigas e definem o capital literário, trazendo legitimidade e prestígio. “O ‘clássico’ encarna a própria legitimidade literária, isto é, o que é reconhecido como A literatura, a partir do que serão traçados os limites do que será reconhecido como literário, o que servirá de unidade de medida específica”. (Casanova, 2002, p. 30).

Por conta desse movimento de legitimação, todos os agentes que entram em contato com esse capital o transformam, apoderam-se dele e colhem os benefícios de terem uma obra renomada em seu acervo. Esse uso do “clássico” favorece tanto a editora que publica tais obras, como a própria cultura que recebe o texto. Se escrito em língua estrangeira, a tradução é um dos principais veículos que permite a apropriação e enriquecimento cultural por meio da literatura.

O capital literário reconhecido por todos é ao mesmo tempo o que se tenta adquirir e o que se reconhece como condição necessária e suficiente para entrar no jogo literário mundial; permite medir as práticas literárias pelo padrão de uma norma reconhecida como legítima por todos (Casanova, 2002, p. 32).



Logo, o capital simbólico que vem como resultado da tradução de textos canônicos representa para a cultura alvo um fator diferencial de desenvolvimento literário, colocando a tradução como um processo que vai além da transposição linguística e atuando como um agente de transformação e manipulação literária e editorial. Ao traduzir os clássicos, leva-se para aquela cultura a legitimidade literária de outros pares. Por isso, entende-se que há crescimento da literariedade para aquela língua que recebe o novo texto.

Esse desenvolvimento, entretanto, não é apenas do texto original para o traduzido. Como será exposto posteriormente, o processo tradutório também promove o crescimento literário do próprio texto original. Essa visão é defendida a partir da perspectiva de que a tradução estressa o sentido do texto ao seu máximo e permite que a sua real natureza sobressaia às limitações do idioma. Logo, a tradução não é um mero processo de transposição, mas uma etapa de modificação de sentido que atravessa a edição. É por conta desse comportamento que a análise da tradução apenas a partir da comparação com o original pode ser incompleta, sendo importante considerar as materialidades influentes no processo de tradução.

### **A tradução como processo editorial**

A noção de que a materialidade do texto influencia a sua recepção e análise é confirmada a partir de Roger Chartier (2002), que afirma que os textos não existem fora dos seus veículos, assim, “O ‘mesmo’ texto, fixado em letras, não é o ‘mesmo’ caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação.” (Chartier, 2002, p. 62), por isso a materialidade é importante independentemente se o objeto de análise for o original ou a tradução. Considerando o suporte do códice, é possível pensar a tradução em seus aspectos editoriais de apresentação do texto, desde decisões de design, tipografia, sequência de livros publicados, até as editoras e tradutores responsáveis. Portanto, ao analisar a tradução como um processo editorial, é vital “[...] identificar as especificidades inerentes ao suporte-livro que afetam o sentido dos discursos por ele abrigados.” (Arantes, 2022, p. 66).

Em sua perspectiva linguística, a tradução é uma atividade paradoxal. Segundo Paul Ricoeur (2012), o ato de traduzir está constantemente assombrado pelo voto da fidelidade e suspeita da traição, sendo o tradutor a ponte entre esses dois extremos. “Dois parceiros são de fato colocados em relação pelo ato de traduzir, o estrangeiro – termo cobrindo a obra, o autor, sua língua – e o leitor, destinatário da obra traduzida. E, entre os dois, o tradutor, que transmite, faz passar a mensagem inteira de um idioma ao outro.” (Ricoeur, 2012, p. 22). Ao entender a tradução como um processo editorial, aspectos que materializam o escrito também devem ser considerados objetos de estudo no que tange à transposição.

A mobilidade do sentido dos textos introduzida pela tradução tem várias gradações: primeiro, as escolhas de tradução das palavras em si [...]; segundo, o contexto de publicação do texto traduzido, que desloca ou



atualiza o significado; por último, a interpretação geral da obra, que pode adquirir novo status e um novo propósito com a tradução (Chartier, 2022, p. 91)

Assim, os estudos de editoriais de tradução não consideram apenas o texto, mas todo um conjunto de cenários, sistemas ou campos que se relacionam e autoinfluenciam. “Os textos traduzidos são escolhidos porque existe certo interesse em conectar o que se traduz com algo que está em discussão no momento em que essas traduções são realizadas, isso se for possível imaginar traduções que não sejam totalmente comerciais.” (Piglia, 2011, tradução nossa)<sup>1</sup>. Com isso, muito além de questionar a tradução propriamente dita dos textos literários, sua canonicidade e importância cultural para a língua fonte e língua alvo, é preciso também questionar os motivos que levam a tal tradução.

Segundo Lawrence Venuti (2021), a tradução é um processo de interpretação e substituição de sentido, logo, o tradutor, ao reconstituir o texto original em outro idioma, desestabiliza a significação contida na estrutura original do texto e reconstitui esse sentido a partir das suas suposições e escolhas. É por isso que Venuti (2021) aponta para uma “violência” da tradução, “[...] a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que o precedem na língua e na cultura alvos, sempre organizados em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção de textos” (Venuti, 2021, p. 67).

Dessa forma, uma tradução pode ter motivações simbólicas ou canônicas que estejam relacionadas aos aspectos de dominação e hierarquização social que existem para além do texto e da literatura em si; a tradução de textos canônicos ou premiados, por exemplo, ou a priorização de obras tidas como best-sellers em seus países de origem. Em referência à noção econômica, podemos observar o crescimento das literaturas coreanas no Brasil. Em reportagem da CNN Brasil (2024) é possível perceber como o fenômeno editorial das produções sul-coreanas segue uma onda que já passou pela música e pela produção audiovisual. Esse crescimento, ainda que venha a ter acréscimo ao capital simbólico, surge a partir de uma demanda econômica.

Assim, a tradução pode influenciar o surgimento e o apagamento de cânones, da mesma forma que pode influenciar a produção literária da língua-alvo a partir da criação de novos gêneros, nichos literários e até estilos de escrita. Esse movimento pode agir em sincronia à cultura central da língua-alvo, ou seja, como uma demanda, mas também pode ser uma resistência, alimentando um comportamento marginal.

[...] a tradução inscreve o texto estrangeiro na manutenção ou na revisão de cânones literários na cultura da língua-alvo, inscrevendo na poesia e ficção, por exemplo, com diversos discursos poéticos e narrativos que lutam pela dominação na língua-alvo [...]. São essas afiliações e efeitos – escritas na materialidade do texto traduzido, na estratégia discursiva e em seu alcance

---

<sup>1</sup> “Los textos que se traducen, se eligen porque hay cierto interés en conectar eso que se traduce con algo que se está discutiendo en el momento en que esas traducciones se realizan, si podemos imaginar traducciones que no sean plenamente comerciales.” (Piglia, 2011).

de alusividade para o leitor da língua-alvo, como também na própria decisão de traduzir e nos modos como ela é publicada, criticada e ensinada –, todas essas condições, que permitem que a tradução seja entendida como uma prática política e cultural [...] (Venuti, 2021, p. 69)

Por isso, entendemos que o posicionamento da tradução frente à literatura e edição não é sempre fixo e oposto. Em alguns momentos é possível que a tradução se aproxime tanto dos objetivos econômicos quanto simbólicos, podendo nascer desse movimento bivalente, ou ir evoluindo a ponto de se aproximar de ambos os capitais. Um exemplo é o *boom* da literatura latino-americana. O movimento tem um impacto importante no capital simbólico da literatura da América Latina. O grande número de autores que foram traduzidos para outros idiomas ou consumidos na língua original, possibilitou o desenvolvimento da literatura latina como uma produção de alto reconhecimento e relevância, aplicando o que Casanova (2002) define como “legitimidade literária”. Os autores que participaram do *boom* transmitiram, por meio dos seus escritos, temáticas relacionadas aos contextos das populações latinas e desenvolveram novas formas de fazer literatura.

Contudo, esse mesmo momento latino-americano também pode ser analisado a partir da ótica econômica. Com o reconhecimento literário, veio a fama. E com a fama, impressionantes números de vendas. Logo, os escritores que inicialmente eram cobrados pelo seu conteúdo, trabalhando de forma artesanal, começaram a ser reconhecidos pela lucratividade que representavam para as editoras que os publicaram, e a serem demandados por esse trabalho a partir de uma abordagem de mercado, o que exige outro ritmo e padrão de entregas. Segundo José Luis de Diego (2020, p. 82),

[...] a crescente demanda de material para editar não condiz com um regime de produção artesanal, ou com figuras de escritor ligadas à boemia ou ao ato de escrever apenas em momentos de inspiração ou nas horas livres: o escritor se transforma num produtor, com um trabalho full time, obsessivo em relação ao produto, e um colaborador eficiente na difusão do resultado.

O *boom* latino-americano foi de extrema importância para o desenvolvimento da literatura dos países latinos, mas também simbolizou um marco importante para o capital econômico da época. Ainda segundo Diego (2020), o crescimento econômico foi tamanho que começou a levantar-se suspeitas acerca do real valor simbólico da literatura produzida: “Em suma, o dilema era bem claro: se escrevem para muitos é porque cederam às exigências do mercado capitalista; se escrevem para poucos é porque se tornaram elitistas.” (Diego, 2020, p. 85).

Ao refletir sobre os papéis que a literatura traduzida pode desempenhar na formação de sistemas literários, Karina de Castilhos Lucena (2018) argumenta, a partir de escritos de Borges e Ricardo Piglia, que estudar os reflexos das traduções dentro dos sistemas literários não é ater-se a sua proximidade – ou distanciamento – do original, mas entender o que cada escolha, seja ela interna ou externa ao texto, pode representar para o campo literário. O objetivo é entender “[...] quais textos determinada cultura escolhe traduzir, quem



os escolhe, quem os traduz, por que, como são recebidos, quem os lê, que impacto eles têm na criação ficcional de autores dessa cultura receptora” (Lucena, 2018, p. 161). Essa abordagem é tão importante quanto analisar as semelhanças e diferenças entre o original e a tradução, pois ela entende que a tradução não é isenta do seu contexto, e que, na verdade, carrega consigo interpretações e ideologias.

Em complemento à perspectiva de que a tradução transfere para o texto ideologias e interpretações contextuais é importante considerar a visão de Venuti (2021) de que todo texto é sempre uma domesticação.

A tradução é inevitavelmente domesticadora, na medida em que visa interpretar o texto-fonte em termos que são inteligíveis e interessantes na situação receptora. Ela, por meio de um duplo processo de assimilação, administra as diferenças linguísticas e culturais que impõem obstáculos à inteligibilidade e ao interesse (Venuti, 2021, p. 17).

Assim, a tradução, ainda que preocupada com a aproximação linguística e com fatores majoritariamente literários, também é influenciada por aspectos externos ao texto e pela literariedade. Logo, podemos entender que a tradução é uma atividade regida por aspectos simbólicos, econômicos e sociais. É dessa perspectiva que reforçamos a importância de levantar questionamentos contextuais e editoriais ao estudarmos tradução.

### **Processo editorial, tradução e criação de valor simbólico**

Como foi exposto previamente a partir de Thompson (2013), o campo editorial tem duas perspectivas principais: econômica e simbólica. Em cada uma destas há um diferente sentido para o valor que se atribui à literatura. Quando o campo editorial se relaciona com a literatura a partir da sua abordagem econômica, o foco está na lucratividade da editora, ou seja, no seu papel como empresa em uma sociedade capitalista. Logo, o sentido de valor está relacionado aos aspectos monetários. Já o campo simbólico se aproxima da literariedade do conteúdo, ou seja, da sua condição de valor emblemático para o sistema literário.

[...] o “valor” de um livro específico, ou o projeto de um livro, pode ser entendido de duas maneiras: suas vendas ou potencial de vendas, isto é, sua capacidade de gerar capital econômico; e sua qualidade, que pode ser entendida de várias formas, mas inclui seu potencial para ganhar vários tipos de reconhecimento, tais como premiações e críticas elogiosas – em outras palavras, sua capacidade de gerar capital simbólico (Thompson, 2013, p. 16).

Quando consideramos o valor simbólico da edição e entrelaçamos este com a tradução, dialogamos com a perspectiva de Walter Benjamin (2002) de que traduzir representa um desdobramento do original, por isso, enriquece o texto e a língua receptora, expandindo a cultura que o recebe, ao mesmo tempo em que se aproxima da língua-pura, renovando o original e agregando mais valores simbólicos a literatura.





Traduções que são algo mais do que meras transmissões surgem quando uma obra alcança, ao longo da continuação de sua vida, a era de sua fama. [...] Nelas, a vida do original, alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e vasto desdobramento (Benjamin, 2002, p. 69).

Assim, essa tradução que enriquece o sistema literário é a mesma que contribui para a visão de Johann Wolfgang von Goethe (2010) de que traduzir é uma oportunidade para enriquecer a língua por meio do contato com outros idiomas. E é esse contato que permite o desenvolvimento do que ficou conhecido como a *weltliteratur*. Segundo João Cezar de Castro Rocha (1991), para entender o termo desenvolvido por Goethe, é importante compreender que essa “literatura mundial” nasce a partir da comparação. É com o confronto entre dois idiomas que se percebe as diferenças e semelhanças entre as línguas e entre os sentidos do texto, o resultado é o enriquecimento da literatura e o nascimento de um texto literário que representa a humanidade: “Então, para Goethe, a literatura mundial é um processo em que pessoas de letras de diversas nações aprendem uns com os outros por meio da transmissão literária, enriquecidos pela tradução.” (Pizer, 2013, p. 6, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Contudo, nem toda tradução irá cumprir o papel de enriquecimento literário por meio das diferenciações linguísticas, pois, para que isso aconteça, é preciso que a tradução atue em resistência a hegemonia do sistema literário da língua alvo. Em Venuti (2021), entendemos que toda tradução é, primeiro, uma domesticação, por substituir as diferenças linguísticas e culturais do texto original pelas perspectivas da língua-alvo. Assim, a tradução é um movimento de resultado textual, mas que dialoga com premissas e escolhas de campos econômicos e culturais externos à literatura. Nessa lógica, o tradutor é um agente que, em um primeiro momento, reafirma valores linguísticos, literários, econômicos e sociais.

Assim, para entender a tradução e como ela contribui para o valor simbólico do campo literário, é preciso conhecer as regras do campo e navegar por entre os sistemas. Essa lógica, entretanto, não se restringe apenas ao ângulo simbólico, mas está relacionada a toda a dinâmica editorial.

A lógica do campo não é um conjunto de regras que cada um dos que nela atuam precisam seguir. É mais como uma linha de força que estrutura um campo magnético: um forte ímã em uma parte do campo exercerá seus efeitos sobre todo o campo. Quando se é um pequeno fragmento de metal na periferia, pode ser que ele não o afete muito, mas em nenhuma parte do campo se estará totalmente protegido dos efeitos dessa lógica (Thompson, 2013, p. 321).

Então, para que a tradução atue no desenvolvimento de uma literatura mundial é preciso levantar questionamentos acerca das escolhas editoriais dos processos, posicionando a tradução para além das comparações e análises linguísticas, uma vez que,

---

<sup>2</sup> “For Goethe, then, world literature is a process whereby men of letters in diverse nations learn from each other through relays of literary reception enhanced through translation activity” (Pizer, 2013, p. 6).

a partir da perspectiva de Venuti (2021), para que a tradução seja de fato agregadora, a literatura precisa ser “estrangeirizante”. Nessa abordagem, a estrangeirização existe a partir da escolha consciente do tradutor de usar aspectos culturais e linguísticos marginais na cultura alvo: “O ‘estrangeiro’ da tradução estrangeirante não é uma representação transparente de uma essência presente no estrangeiro e valiosa em si mesma, mas uma construção estratégica cujo valor depende da atual situação da língua-alvo.” (Venuti, 2021, p. 71). Logo, a tradução que segue esse caminho é domesticadora por transpor o sentido de uma língua para outra, mas também é estrangeirizante por escolher causar estranhamento na língua-alvo e se diferenciar da hegemonia do contexto de chegada a partir do uso de elementos periféricos.

Esse posicionamento reafirma-se ao percebemos a tradução como um agente influente no cenário literário e entendermos o campo editorial como um polissistema que se relaciona com dois outros polissistemas: o literário e o do mercado. Assim, a tradução navega entre a tríade literária, editorial e mercadológica, sofrendo influências externas ao mesmo tempo em que também exerce influência e altera os demais campos e sistemas.

## **Conclusão**

O sistema literário e os campos são conjuntos de convergências que se caracterizam pela fluidez, transformação, diferenciação, dependência e interdependência. Essa visão de rede que abriga o contexto literário pode ser aplicada a diferentes cenários de análises sociais, isso porque a ideia de polissistemas revela o comportamento subordinado de uma sociedade globalizada. Assim, as visões culturais do mundo são cada vez mais interligadas entre si.

Essa dependência, contudo, é afetada por barreiras políticas, sociais e linguísticas. E para que a literatura se expanda a ponto de evidenciar o seu caráter atemporal e universal, é preciso que ela seja desenvolvida a partir da diversidade cultural, a qual aponta as similaridades entre os gêneros e produções, ao mesmo tempo em que desafia o seu crescimento a partir das diferenças linguísticas.

Por isso, a tradução ocupa uma posição paradoxal e privilegiada no sistema literário. A partir da lógica do “capital econômico”, é preciso atenção às obras que são traduzidas. Não somente em relação aos títulos, mas também aos autores e às línguas em que foram originalmente escritas. Isso porque o aspecto econômico sempre tende a valorizar as literaturas que são de países tidos como grandes potências financeiras, simbolizando a hegemonia da cultura e dos idiomas das economias mundiais.

Em sua atuação frente ao conteúdo literário, a tradução é representante de um sistema que se constrói a partir da interação e da colaboração entre culturas e idiomas. Ela desafia os tradutores, ao mesmo tempo em que oferece enriquecimento cultural e linguístico mútuo entre as línguas. Esse crescimento se dá por meio do desafio de adaptar o vocabulário e a estrutura gramatical de uma língua a outra, permitindo que a língua-alvo estresse o próprio sistema para receber o estrangeiro. Ao mesmo tempo, eleva o original



ao ser lido com um olhar crítico de quem precisa analisar a estrutura textual, gramatical e interpretativa para transpor não somente o que foi dito, mas também o que pode ser interpretado.

Da mesma forma, quando associada a uma perspectiva editorial, a tradução pode contribuir para o predomínio cultural da língua-alvo. Assim, enquanto no aspecto linguístico há a busca pelo sentido do texto, a edição reafirma e amplifica essas leituras, ao pensar em como as escolhas materiais podem atuar como uma pré-leitura de algo que já foi examinado e adaptado pelo tradutor, associando aspectos do capital simbólico a frentes sociais, culturais e de demanda de mercado.

Nessa perspectiva, entendemos que a tradução ora atua como agente central do processo editorial e de valoração literária, ora como participante do capital econômico e editorial. É visando enriquecer os estudos da área que propomos uma abordagem em que a tradução seja entendida como uma agente de validação e de influência nos campos literário e editorial. O objetivo é recebê-la como uma prática que vai além da transposição linguística, sendo necessário considerar elementos sociais e de mercado para, de fato, entender todo o processo. Assim, esperamos fomentar um olhar acadêmico que se expanda para além do debate textual, da dicotomia entre original e tradução, e da visibilidade e função do tradutor, para ser capaz de ocupar espaços de influência entre sistemas.

## Referências

ARANTES, Júlia Carolina. Pensar a dobra: abertura e fechamento do livro. *In*: UTSCH, Ana; LANDI, Thiago (org.). **Materialidades do texto**: estudo sobre cultura impressa e literatura. Belo Horizonte: Contafios, Moinho, 2022, p. 65-75.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. *In*: BRANCO, Lucia Castello (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Trad. de Suzana K. Lages. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2002, p. 66-81.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHARTIER, Roger. **Editar e traduzir**. Trad. de Mariana Echalar. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CNN Brasil (ed.). **Após K-pop e K-drama, nova onda de literatura sul-coreana chega ao Brasil**. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/apos-k-pop-e-k-drama-nova-onda-de-literatura-sul-coreana-chega-ao-brasil/>. Acesso em: 13 maio 2024.

DIEGO, José Luis de. O *boom* latino-americano: estratégias editoriais e internacionalização de nossa literatura. *In*: DIEGO, José Luis de. **Projetos editoriais e**



**redes intelectuais na América Latina.** Trad. de Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam. Belo Horizonte: Moinhos, Contafios, 2020. p. 77-115.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O “Sistema Literário”. **Translatio**, Porto Alegre, n. 5, p. 22-45, 2013. Trad. Luis Fernando Marozo, Yanna Karlla Cunha. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42900>. Acesso em: 27 abr. 2024.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Três Trechos sobre Tradução. *In*: WERNER, Heidermann (org.). Trad. de Rosvitha Friesen Blume. **Clássicos da teoria da tradução: volume 1, alemão-português.** 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 28-35.

ROCHA, João Cezar de Castro. Weltliteratur: o conceito e sua filologia. **Matraga**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 31-39, out. 1997. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga09/matraga9a03.pdf>. Acesso em: 13 maio 2024.

PIGLIA, Ricardo. Tradición y traducción. *In*: INAUGURACIÓN EL MAGÍSTER EN LITERATURA COMPARADA DE LA FACULTAD DE ARTES LIBERALES DE UNIVERSIDAD ADOLFO IBÁÑEZ, 2011, Santiago. **Aula inaugural.** Santiago, 2011.

PIZER, John. Johann Wolfgang Goethe – Origins and relevance of Weltliteratur. *In*: D'HAEN, Theo; DAMROSCH, David; KADIR, Djelal. **The Routledge Companion to World Literature.** Londres: Routledge. 2013, p. 3-11.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução.** Trad. de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução.** Trad. de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Renata Beatriz Freitas Estanislau** ([renatabfe@hotmail.com](mailto:renatabfe@hotmail.com)) é bacharel em Letras (2017), licenciada em Letras/Inglês (2021) e Mestre em Estudos de Linguagens (2019). Já atuou como professora de inglês e coordenadora pedagógica. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários (POSLIT) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

#### Agradecimentos

Não se aplica.

#### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ESTANISLAU, Renata Beatriz Freitas. Tradução, processo editorial e criação de valor. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-13, 2025.

#### Contribuição de autoria

Não se aplica.

#### Financiamento

Não se aplica.

#### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.



**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

**Conflito de interesses**

Não se aplica.

**Licença de uso**

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

**Histórico**

Recebido em: 17/06/2024

Revisões requeridas em: 11/11/2024

Aprovado em: 14/01/2025

Publicado em: 14/03/2025

